

Histórias nas paisagens:

relato de uma experiência
interdisciplinar

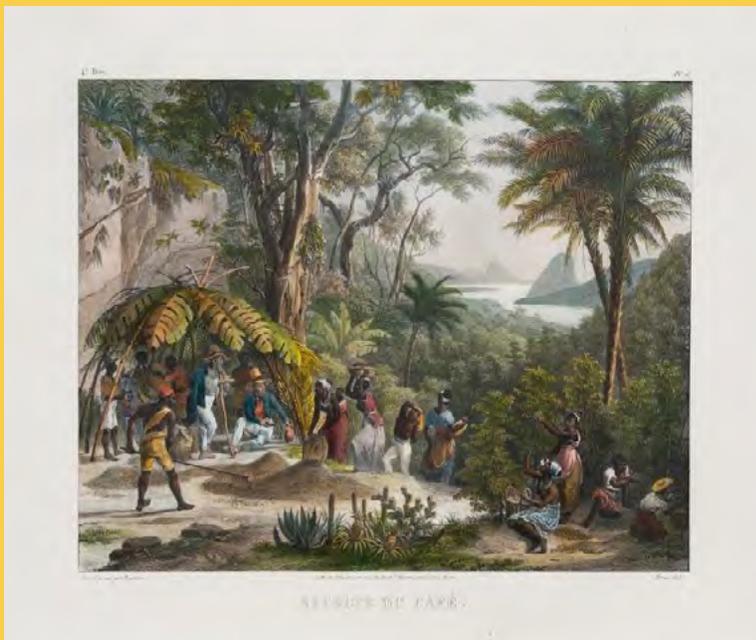


Figura 1 ~ "Recolte du café" (Colheita de café), de Johann Moritz
Rugendas, 1835. Fonte: Brasiliana Iconográfica
<https://www.brasilianaiconografica.art.br/obras/18355/recolte-du-cafe>

As iconografias de paisagens nos permitem viajar tanto no espaço como no tempo. Na gravura de Rugendas, “Recolte du café” (1835), temos a representação de uma cena comum das montanhas da cidade do Rio de Janeiro há aproximadamente duzentos anos. É importante contextualizar: trata-se de um Brasil recém independente (1822), ainda marcado pelo trabalho escravo. Os cafezais figurados à direita da gravura parecem contrastar com a mata conservada à esquerda. Este arranjo retrata, de certa maneira, o encontro de espécies exóticas com as nativas das terras brasileiras, pois o café trata-se de uma espécie oriunda da Etiópia e que foi introduzida nas Américas. Em destaque, ao fundo, fazendo referência ao local, um dos atuais ícones da cidade já começava a ser representado: o morro do Pão de Açúcar. Os distintos elementos presentes nessa gravura se entrelaçam em uma complexa rede de histórias que se inter cruzam em nossas próprias vivências. Da evolução das árvores à história da arte, nós, os autores, construímos pontes entre os nossos saberes para interpretar gravuras como esta. No desejo de responder quais eram os agentes transformadores das paisagens dessa natureza tropical, acabamos por perceber, nós mesmos como sujeitos dessa trama. Dessa maneira, quais histórias figuram por trás desta paisagem?

A diversidade dos elementos nesta gravura foi um dos fatores que possibilitou o nosso encontro e permitiu sincronizarmos a diversidade de nossas formações acadêmicas para desenvolver um olhar crítico sobre os agentes de transformação do meio. Nas distintas camadas desta imagem, Johann Moritz Rugendas (1802-1858) construiu uma paisagem que traduzia a natureza tropical, a partir do olhar ocidental. Anos antes de elaborar esta e outras gravuras, o pintor alemão acompanhou como desenhista na primeira etapa de uma expedição científica russa em território brasileiro - a Expedição Langsdorff (1821-1829). O encontro de sua formação na Academia de Belas Artes de Munique com a experiência nas florestas tropicais, junto a cientistas naturais, resultou numa rica maneira de elaborar quadros paisagísticos.

A uma paisagem pictórica vai estar sempre vinculado um olhar, uma ou várias concepções de mundo que interferem em sua elaboração, assim como a intenção relacionada à sua circulação. O contexto no qual está inserida a gravura auxilia muito aos historiadores na compreensão das possíveis relações socioambientais da época. O fato das imagens terem um toque de imaginação, nos faz conhecer

ainda mais sobre a paisagem construída. Por exemplo, na seguinte imagem é muito provável que as palmeiras da direita não estivessem, de fato, no meio do cafezal. Amplamente representadas como parte da flora tropical, tudo leva a crer que Rugendas dispôs as palmeiras como uma moldura que se abre aos planos posteriores. Sua passagem pelo local resultou primeiramente numa série



Figura 2 ~ Destaque para as espécies citadas.

de esboços em grafite e aquarela da flora e de aspectos gerais das paisagens. Este repertório de imagens tropicais permitiu a composição posterior de gravuras de maneira a construir uma narrativa visual do ambiente. Isso se deu também pela busca em representar a diversidade de formas de vida vegetais pelo autor, como a pequena aglomeração de cactos, agaves, ananás, em primeiro plano; as palmeiras, bananeiras, bromélias, orquídeas e tantas outras espécies que figuravam no imaginário sobre os trópicos. Rugendas adaptava, assim, as plantas tropicais às técnicas artísticas europeias. Por outro lado, tais técnicas eram também forçadas a se adaptar a uma natureza tão distinta da europeia, por sua variedade de formas, cores e vidas.

A noção de uma paisagem montada como uma narrativa visual foi uma tradição compartilhada com outros viajantes contemporâneos de Rugendas, especialmente os adeptos das ideias do geógrafo

Alexander von Humboldt. Segundo este, no âmbito das ciências naturais, as paisagens compostas pelos artistas-viajantes deveriam contemplar um todo orgânico predominante na região representada. Neste teatro pictórico, a composição seria elaborada de aspectos da flora e da fauna, da geologia e da topografia local, e das atividades humanas. As plantas eram representadas tanto em seu aspecto singular de espécie biológica, ao mesmo tempo em que eram dispostas em seu aspecto ecológico, coletivo, conforme as observações do artista *in situ*. Do ponto de vista das ciências da época, os desenhos, pinturas e gravuras funcionavam como documentos sobre o local da expedição e reforçavam seu caráter científico.

Embora a natureza tropical fosse retratada em sua abundância, ela não era intocada. Os artistas frequentemente representavam os agentes que atuavam na transformação da paisagem. Rugendas usa o método de composição que visa dar conta de todo o processo de cultivo e colheita do café na paisagem carioca. A ideia é juntar vários episódios em um só, de forma semelhante a uma narrativa. Desse modo, podemos observar na gravura várias etapas da produção do café: desde o cultivo em linhas nas montanhas, sua colheita, secagem e transporte.

Os cafezais brasileiros foram marcados pela violência da mata derrubada, da terra violada e do trabalho escravo, para atenderem aos consumidores urbanos da sociedade moderna. A bebida estimulante foi fundamental no cotidiano do

proletariado e nos círculos sociais na maioria das cidades espalhadas pelo mundo. Entre goles, muitas decisões foram tomadas, muitos casais se apaixonaram e tantos outros eventos ocorreram. Por trás



Figura 3 ~ Destaque para as atividades no cafezal.

“Embora a natureza tropical fosse retratada em sua abundância, ela não era intocada. Os artistas frequentemente representavam os agentes que atuavam na transformação da paisagem”

dessa história há o cultivo de cafezais nos vales do Rio de Janeiro no século XIX. A paisagem dos cafezeiros entre florestas e montanhas foi representada por Rugendas junto ao trabalho de negras e negros escravizados. Homens e mulheres carregam os grãos colhidos para a secagem. Na sombra à esquerda, duas figuras recorrentes complementam o trabalho nos cafezais: os animais de carga (principal força do trabalho antes do combustível fóssil) e os capatazes. Estes últimos eram os responsáveis pela fiscalização e punição dos seres humanos escravizados. Como um agente do gigantesco distanciamento social de uma sociedade escravocrata, eles permaneciam mais próximos aos escravos pela marca simbólica de não usarem sapatos.

Imagens como esta nos servem como documentos históricos, que quando entrecruzadas com outras fontes, nos fornecem preciosas informações. O encontro da arte, da biologia, da geografia e da história, ou seja, de nossas formações, se entrelaça à trama de plantas, trabalho e representações presentes na gravura de Rugendas. A pluralidade destes saberes fornece rico material para desenvolvermos novas maneiras de analisarmos informações sobre a cidade do Rio de Janeiro da primeira metade do século XIX. Do mesmo modo, enriquece a nossa experiência da própria floresta - hoje parte do Parque Nacional da Tijuca (Rio de Janeiro). Ou seja, a partir da confluência dessas disciplinas podemos explorar novas abordagens, capazes de revelar outras leituras sobre o nosso passado histórico-ambiental.
